

por **Deborah Moreira Guimarães**
deborahmoreiraguimaraes@gmail.com

DOI:10.12957/ek.2019.46828

Um dos temas que ocupa lugar de grande relevância na fenomenologia e na hermenêutica é a historicidade. Reconhecer o quanto a interpretação dos fenômenos mundanos é perpassada por uma certa sedimentação histórica é perceber que todos os sentidos que norteiam a existência partem de uma situação prévia. Ver-se imerso nessa situação é o desafio de nosso filosofar: compreender que existir é viver a partir de uma historicidade elementar.

É no âmago de um momento histórico muito peculiar que a atual edição da *Ekstasis: revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, o volume 8 - número 1, gestada no período correspondente ao primeiro e início do segundo semestres de 2019, adquire a sua forma. Uma vez que todo filosofar possui um caráter temporal e, portanto, suscetível às demandas da época histórica à qual se remete, com a *Ekstasis* não poderia ser diferente.

Em meio às diversas maneiras possíveis de responder àquilo que um momento histórico pode ter de mais problemático, optamos pela defesa do que resguarda tudo a que nos dedicamos: o pensamento, o conhecimento e a filosofia. Nossa resistência é mostrada por meio da defesa de um trabalho exaustivo de edição de artigos de caráter acadêmico, com revisão bibliográfica e análise conceitual, além de traduções e resenhas, visando enriquecer a produção científica brasileira e aprimorar o trabalho de pesquisa em nossas áreas de atuação.

Nesse sentido, a *Ekstasis* procura defender o pensamento em sua complexidade própria. Tal como um dos lemas fundamentais da fenomenologia husserliana, é “voltando às coisas mesmas” que propomos uma experiência originária com o nosso mundo e com os fenômenos

históricos que nele se manifestam. Dessa forma, a fenomenologia e a hermenêutica adquirem um papel ainda mais relevante no atual contexto: reconquistar os fenômenos de base que constituem a realidade. Dito de outro modo, somente uma época fortemente marcada por uma desarticulação radical da experiência da verdade evidenciaria, novamente, a necessidade de um detido exame acerca da capacidade humana de decair no erro, na estupidez, na inverdade. Resistir é, antes de tudo, estar atento à possibilidade sempre iminente do “não mais pensar”, do “não mais conhecer” e do “não mais filosofar”.

Nossa presente edição é de temática livre – como também devem poder ser livres e autônomas nossas universidades e instituições de ensino – pois o pensamento nasce da liberdade que a razão possui ao poder se conduzir por seus próprios caminhos.

Na primeira seção, trazemos por Guilherme Cerdeira Lelis Silva, a resenha do texto *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a Intencionalidade*, de Jean-Paul Sartre. Ocupando lugar de grande importância no escopo temático de nossa revista, o comentário de Sartre à filosofia de Husserl tem como foco a noção de intencionalidade, problemática bem explicitada ao longo da resenha.

A seção seguinte foi composta, no presente número, por nove artigos de temas variados dentro de nosso âmbito investigativo. Inaugurando tal parte, José Reinaldo Felipe Martins Filho traz a importante, e pouco conhecida, contribuição de Viktor Frankl ao debate fenomenológico, por meio dos conceitos de intencionalidade, sentido e autotranscendência.

Em seguida, Felipe Shimabukuro agrega mais conteúdo a um debate muito importante e conhecido: o problema da técnica em Heidegger. No entanto, Felipe traz uma leitura inovadora, evocando o diálogo entre Marx e Heidegger, ainda pouco explorado no meio acadêmico.

Em coautoria, Susiane Kreibich e Thiago Soares Leite contribuem para os estudos sobre a antropologia fenomenológica de Edith Stein. A partir da concepção de individuação, os autores trazem um estudo elucidativo sobre a estrutura da pessoa humana e suas partes constituintes.

Voltando a Heidegger, Felipe Maia da Silva colabora com uma leitura detida acerca do parágrafo trinta e três de *Ser e tempo*, mostrando a interpretação heideggeriana sobre o enunciado apofântico e a estrutura própria ao enunciado lógico em sua relação com a ontologia e com o discurso.

A partir de uma aproximação hermenêutica entre a ontologia fundamental desenvolvida por Heidegger e a metafísica da vontade de Schopenhauer, Gabriel Henrique Dietrich investiga, sobretudo, o conceito de vida a partir desse recorte temático inovador.

Em sequência, Facundo Norberto Bey concentra-se na recepção mexicana da obra de Gadamer, sobretudo no que diz respeito à sua teoria política. O autor busca focalizar a posição de tal filósofo em seu contexto histórico, além de elucidar questões pertinentes ao debate que Gadamer propõe acerca da filosofia platônica.

Contribuindo com as pesquisas sobre o problema da intersubjetividade em Husserl, Pedro Natán Tenner investiga as noções de corpo, alteridade e empatia tendo em vista elaborar possíveis respostas às críticas suscitadas por Sartre em relação à fenomenologia husserliana.

Próximo ao término da seção de artigos, Gabriel Debatin traz uma leitura de notória importância à recepção do pensamento heideggeriano: as interpretações de Gianni Vattimo acerca da ontologia fundamental a partir de uma possível conclusão niilista fortemente marcada pelas influências de Nietzsche.

Por fim, Jenerton Arlan Schütz e Ivan Luíz Schwengber refletem sobre a tarefa fundamental da atitude filosófica: o movimento de aprender e ensinar filosofia. Tal atividade pressupõe, dessa forma, um princípio hermenêutico fundamental, a partir do qual a compreensão é estabelecida e os conteúdos podem ser compartilhados.

Todos os artigos que compõem a edição atual da *Ekstasis* dialogam direta ou indiretamente com os temas elencados pela fenomenologia e pela hermenêutica. Doravante, evocam experiências de verdade, de compartilhamento de saberes e, sobretudo, de investigação científica, que não se restringem à academia, mas se estendem às várias camadas que perfazem a vida em sua estreita relação com os problemas aqui propostos.

Um dos princípios mais elementares da hermenêutica é a compreensão – compreender para dar prosseguimento ao diálogo e levar adiante os problemas por meio de um movimento de apropriação. Já a atitude fenomenológica tem como um de seus pressupostos perceber que os conceitos não são referenciais vazios, pois dizem respeito a algo que, de fato, existe na materialidade que constitui a existência.

Assim, que todos possam encontrar na *Ekstasis* também um espaço de resistência e de luta, não apenas em defesa do pensamento, mas também da autonomia de nosso filosofar, que, como diz Heidegger, é sempre atual. Desejamos aos nossos leitores um excelente momento de pausa e de reflexão: uma ótima leitura!